

# página fútil

## DE UM DIÁRIO ROMÂNTICO

de MANUEL FILIPE

Quando visito um museu, trago sempre de já uma impressão desoladora. Só com infinita tristeza posso admirar aquelas poeirentas cadeiras onde nunca ninguém se sentou, porque talvez só tivessem sido feitas para serem vistas; aquelas tabaqueiras de ouro cinzelado ou de velho marfim já amarelado pelos anos, em que nunca foi depositado rapé; aqueles leques que nunca deram ar a suas hieráticas donas, porque o uso as poderia danificar; aquelas armas que não serviram nas guerras, por sua arte extraordinária; uma infinidade de objectos cujo destino parecia, por sua forma, o de ser usados, e que não o foram, nem deverão sê-lo. Contudo, realizaram um fim: o meramente estético. E ainda às vezes, como nos manuscritos queimados por seus autores, são eles que deixam nas almas dos poucos que os contemplam impressões mais fundas e perduráveis.

Há em todos os arquivos e bibliotecas manuscritos únicos, dum valor bibliográfico incalculável, que são apresentados nas vitrinas e que nunca ninguém leu nem lerá. São contemplados só numa página; as outras permanecerão séculos e séculos esquecidas, e antes não as destruir o tempo implacável. Ali estão, atrás, da vitrina, quando não escondidos em algum armazém sujo e bafoento, sem que respondam à missão para que foram concebidos. São estes exemplares o pranto das coisas—*lacrimae rerum*—, a tristeza do inefficaz, a desolação do estéril. E revestem de excelsa tragédia das grandezas humanas frustradas. (Aquele espada de copos lavrados e lâmina fulgurante foi dedicada a um soberano que cobardemente fugiu ao ouvir o primeiro fragor do combate. Sua mão medrosa e débil foi incapaz de a esgrimir. Aquêles livros de horas foi entregue a uma rainha que em sua vida nunca soube ler). O catálogo das coisas que não realizaram o fim para que foram criadas seria interminável, como o das vênhas aras sem deuses, como o das colunas sem capitel, como o das fontes sem água e risos de moças e amorosos idólios à hora do sol-pôsto...

Na verdade, são muitas as

coisas que cumprem um fim distinto do superficialmente aparente. E costumam ser as mais belas. Recordo-me ter lido, nas Memórias dum poeta que morreu de senilidade, estas melancólicas palavras: «Na minha juventude escrevi, com profundo amor, um livro de versos. Com que entusiasmo, com que infatigável perseverança fui colleccionando as minhas rimas! Em papel assetinado as ia escrevendo, e, uma vez retimidas, atela-as cuidadosamente com uma fita de cor azulada. Nunca nenhum vate as tinha composto, talvez, com tanta emoção. Mas, já no ocaso da vida, rasguei desapidadamente aquêles desabafos do meu coração, que tantas vezes reli, crendo encontrar nêles a expressão do mais alto, nobre e inspirado que pode sonhar o entendimento dos homens. Porque os rasguei? Porque, na verdade, êles não tinham sido escritos para os outros, mas sim para mim». A finalidade é, como muitas outras coisas humanas, algo convencional e, a maior parte das vezes, diferente do que nós pensamos.

O mesmo sucede com os meus escritos mais íntimos. Desato com fervor o laço que os amarra e algumas vezes saboreio as primicias das minhas estranhas lembranças. Tomo a atá-los. Assim ficarão, até que algum dia, desenganado, os lance ao fogo purificador. Mas, quem não terá experimentado a viva emoção que se sente ao repassar as folhas solitárias? Elas realizam também um fim: o de exaltar a imaginação, o de despertar em seu criador o sonho de glória e de plenitude, como exaltam a fantasia dos seus inventores as supostas soluções da quadratura do círculo ou do movimento contínuo. Não terão resolvido nenhum problema físico ou matemático; mas terão sem dúvida satisfeito a sua ânsia de perfeição, de aspiração e de sonho.

Felizes os autores daquelas coisas que para nada servem, porque dêles é o reino do idealismo!

Nunca vos destes ao trabalho de colleccionar coisas inúteis? Então não sabeis o que é ser perpetuamente menino, isto é, ditoso. Essas coisas não servem para nada, ou, o que é

o mesmo, servem para o que nada tem que ver com as coisas graves do mundo. Em nossas meditações solitárias, todos temos composto um Fausto, que somos incapazes de escrever, ou harmonizado uma Quinta Sinfonia, que seremos incapazes de levar ao pentagrama; e, contudo, afiguramos nos sublimes. Ninguém os ouvirá; tampouco nós mesmos. Depressa nos esquecerão. E, contudo, êses foram para nós os mais grandiosos poemas que as musas dos séculos puderam criar. Em realidade, nada eram nem realizaram fim algum; mas tiveram a melancolia do frustrado, a grandeza do incompreendido, e guardamos as suas estrofes e as suas melodias no fundo do coração, como um tesouro.

Vêde. Queria, a princípio, escrever um extenso tratado sobre a finalidade das coisas, com citações de filósofos e sábios. E, finalmente, mais não me saíu do que esta meia dúzia de impressões sem seguimento. Queria dar uma lição sobre o grande valor das pequenas coisas, e afinal só disse palavras e palavras que talvez ninguém compreenda. Por isso, cada vez me convenço mais que nunca poderei ser um grande mestre. Falta-me, sobretudo, o singular poder de convencer. Mas não será já isso uma finalidade?...

E'-me hoje muito difícil continuar. A vida está organizada com uma habilidade tão diabólica que, mesmo no isolamento, é impossível amá-la sinceramente. Quanto mais me isolo, mais dificuldades encontro; quando o meu maior desejo era abraçar todos os homens que sofrem neste mundo em que vivemos e dizer-lhes: irmãos, aqui estou! Mas...

Espereemos que cá dentro haja mais alguma coisa. E—quem sabe?—talvez fôsse melhor que esta página tivesse ficado em branco...

### ERRATA

Leia-se na secção «Sol a Sol», do número anterior, no comentário ao maior quadro do mundo: tem sessenta metros de largura, por dez de altura, em vez do que, lamentavelmente, apareceu... por dois de altura.

## De Livros

### ARTE DE FURTAR—

Atribuída ao P.e António Vieira — *Livraria Peninsular Editora, Lisboa.*

Eis aqui três coisas dignas de inteiro louvor, que são outras tantas razões para nos felicitar-mos.

Primeira: ter havido um homem com a nobre coragem de escrever êste livro.

Segundo: haver um homem que se deu ao meritório esforço de o pôr em português actual, ao alcance de todas as mentalidades.

Terceira: haver um editor, suficientemente inteligente, para dispensar a sua prestimosa colaboração a uma tal obra vulgarizadora.

Quanto ao valor da obra, é impossível referir, com exactidão, a impressão que nos ficou da sua leitura. Teríamos de ser demasiado irreverentes, sem logarmos sê-lo tanto como o ignorado autor.

Contudo, e porque muitas vezes as sínteses são mais expressivas que longos arrazoados, preferimos consubstanciar o nosso parecer, numa síntese: a *Arte de Furtar* é uma esplendida antecipação dos arrojados conceitos proudhonianos a respeito da economia.

//

Grãficamente, a obra tem apresentação modesta demais para o preço e para o seu alto mérito, não honrando quem a editou nem quem realizou o trabalho gráfico.

L. L.